



## As Práticas do Fazer Gestão de Dentro de Casa de uma Mulher Negra Favelada

Andiara Rosa dos Santos Borsatto – andiara.rsantos@hotmail.com  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

**Palavras-chave:** Práticas; Gestora favelada; Espaço doméstico; Mulher negra

Contemplar e analisar o cotidiano consiste em revelar o inusitado, o despercebido, onde a vida está sendo experienciada, praticada, construída e destruída. Portanto, estudar a realidade sob qualquer perspectiva implica em considerar o cotidiano (GOUVÊA; CABANA; ICHIKAWA, 2018). Dentre as diversas possibilidades de observar e analisar o cotidiano, faço a escolha pela percepção de Michel De Certeau, no qual compreende o cotidiano como um espaço de trocas de saberes e de “maneiras de fazer”.

Ao observar as maneiras de fazer é desvelado que as interações ocorrem nos espaços cotidianos pelos/as sujeitos/as, sendo importante a distinção entre os termos espaço e lugar, porque, para Michel De Certeau, o espaço é um lugar praticado, fruto das interações entre as/os sujeitas/os e o mundo, enquanto que o lugar se caracteriza como um fenômeno estático, representando uma ordem e é associado a arquitetura convencional, por exemplo. As concepções de lugar e espaço e as relações entre os/as sujeitos/as, acarretam ainda em discussões sobre a cidade enquanto “conceito” e “movimento”. A “cidade-conceito” está posta e consiste nos projetos arquitetônicos e políticas higienistas organizados pelo próprio para moldar a cidade à sua condição e se deteriora, passando a ser “movimento”, a ser praticada, cotidianamente, pelos outros com seus usos táticos, apropriando-se dos espaços (CERTEAU, 1998).

Pelas ideias certeuanianas apresentadas sobre as dinâmicas de usos da cidade como um movimento, há uma oportunidade de adicionar as favelas urbanas brasileiras a essa discussão. Me debruço sobre o cotidiano da favela compreendendo que a historização de constituição das favelas brasileiras desvela que as cidades foram formadas a partir de uma lógica de pensamentos machistas, racistas e classistas (NOGUEIRA, 2018). Dessa forma, raça, classe e gênero tornam-se dimensões centrais para se pensar a produção e reprodução do espaço (ANDRADE; REZENDE, 2021).

Os grandes centros urbanos se mostraram atrativos para as populações empobrecidas que passaram a compor bolsões de pobreza em suas margens - fenômeno impulsionado pela migração das elites agrárias para as cidades e a industrialização do país - gerando assim uma notável segregação por classe e raça/cor (COSTA; AZEVEDO, 2016). As favelas do século XXI herdaram diversas características dos cortiços do século XX, dentre elas a falta de acesso a saneamento básico e alta concentração de pessoas, fazendo com que as/os moradores das favelas, sofram os efeitos da segregação urbana e da periferação da cidade (BORSATTO; FANTINEL, 2021). Com isso, as/os faveladas/os precisam criar alternativas para a sobrevivência à margem da cidade (IVO, 2010).

O capítulo, na construção social brasileira, de segregação socioespacial da população negra, ocasionou desigualdades de acesso por essa população à educação, saúde, moradia, renda, entre outros, empurrando-a para lugares de vulnerabilidade social. Esse fato, que por décadas é negligenciado pelo poder público e pela elite nacional, está latente e escancarado nos dias atuais devido à pandemia causada pelo novo Coronavírus. Sobre a pandemia é sempre

relevante a consideração de que o primeiro caso confirmado e curado da doença no país foi de um homem branco que retornou de viagem da Itália, mas as primeiras mortes foram de uma empregada doméstica negra e um porteiro negro. As mulheres negras estão mais expostas à contaminação pelo vírus e conseqüentemente perda de seus postos de trabalho e de renda, porque ocupam predominante os trabalhos relacionados ao setor de serviços, como empregadas domésticas, babás, técnicas de enfermagem, cuidadoras, entre outras (GOMES, 2020).

Neste sentido, este trabalho em construção tem por objetivo compreender as práticas cotidianas de se fazer gestão no âmbito doméstico de uma mulher negra favelada. Aqui as práticas de gestão serão abordadas sob o aspecto de organização enquanto geradora de renda e também sob a perspectiva de gestão do trabalho doméstico não remunerado. As mulheres, sobretudo as mulheres negras, continuam sendo a base que mantém a roda do capitalismo girando, mesmo as que exercem atividades domésticas não remuneradas, porque essas mulheres estão assumindo novas responsabilidades e novos papéis na estrutura social, sem, contudo, terem o alívio das pressões sociais já existentes e das pressões psicológicas agravadas pela pandemia (SWAN, 2020).

### **Percurso metodológico**

O estudo tem por característica a abordagem qualitativa (RHEINHARDT et al., 2018) e foi usada como método de produção e interpretação de dados a narrativa oral pessoal (CHASE, 2018; ZACCARELLI; GODOY, 2014), produzida por meio de entrevista online com roteiro aberto (BRINKMANN, 2018). Durante a entrevista, foram feitas ainda notas manuscritas (ZACCARELLI; GODOY, 2014) para relatar elementos subjetivos que pudessem ser relacionados a raça, gênero e classe. Também foram utilizados documentos públicos, como jornais, relatórios e websites para compor as análises (COFFEY, 2014).

É importante mencionar que para a construção deste texto, revisitei uma das entrevistas realizadas durante a imersão ao campo para a realização da dissertação. Portanto, as reflexões apresentadas emergem de um projeto maior e foram recortadas para o escopo do evento.

A sujeita escolhida para compor este trabalho é uma mulher autodeclarada negra de pele clara, que possui um negócio próprio e reside em um morro (favela) da cidade de Vitória no estado do Espírito Santo. Escolhi a entrevista dessa sujeita porque ela possui três negócios em sua casa: um botequinho, como denominado por ela, um ponto de venda de marmitas e que também é um ponto de venda de sex shop. Ela busca conciliar as práticas de gestão com as práticas domésticas, adicionalmente as práticas maternas, pois é mãe de quatro filhos e me concedeu a entrevista dividindo a atenção com o filho mais novo de 4 anos.

A entrevista foi realizada em 11 de junho de 2021 e teve duração de 26 minutos, sendo realizada por vídeo chamada pelo *Google Meet* e sendo gravada em áudio com meu celular. A entrevistada consentiu verbalmente com a gravação e também lhe foi explicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual recebeu uma cópia. Por questões éticas, a entrevistada será chamada por um codinome, afim de que a sua identidade seja mantida em sigilo. Sendo assim, ela será chamada de Tereza, fazendo menção a Tereza de Benguela que foi uma líder quilombola símbolo de resistência do povo negro.

A entrevista foi transcrita com a ajuda de *bots* do aplicativo de mensagens *Telegram* e a conversa no aplicativo foi apagada logo após a transcrição ser copiada para o documento *Word*. Para analisar o relato produzido, foi usada a técnica de análise dialógica narrativa, que consiste em abraçar as narrativas a partir de uma lógica de coprodução, compreendendo que todos os relatos são construídos por sujeitas e sujeitos de pesquisa situadas/os (ZACCARELLI; GODOY, 2014). Os relatos são apresentados em forma de contação de história, sistematizando

com o objetivo proposto e as teorias, em um esforço de dialogar entre todas as partes – autora, pesquisada, leitoras/es e teóricas/os (RIESSMAN, 2008).

### **As Práticas Simbólicas de se Fazer Gestão (de) Dentro de Casa**

Com o advento da pandemia, ficou latente e escancarado o abismo social que existe no Brasil, principalmente para as populações negras, indígenas e quilombolas, que estão sofrendo maiores impactos devido a condição histórica de vulnerabilidade socioeconômica. O trabalho em questão aborda a população negra, mas isso não impossibilita que as reflexões se estendam a outros grupos também vulnerabilizados.

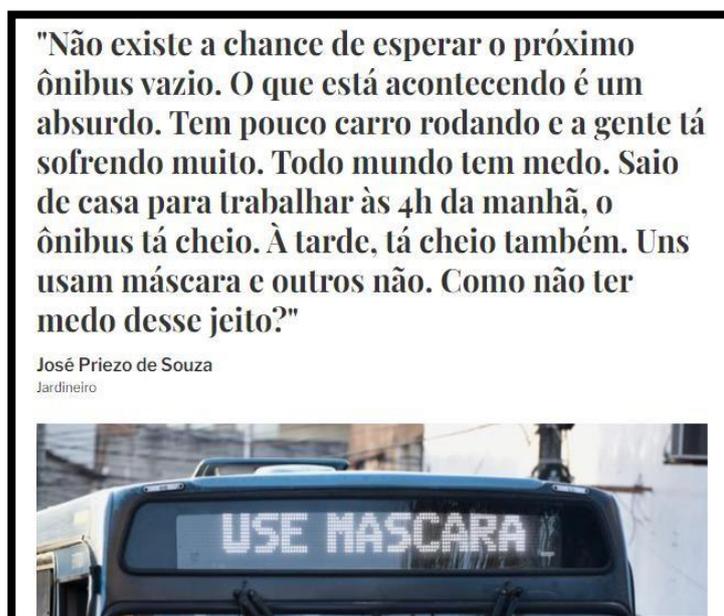
A precarização do trabalho para a população negra se agravou no contexto pandêmico e é refletida em diversas áreas, como na mobilidade urbana em que se observa que nas periferias e favelas o fluxo de circulação é contínuo desde o início da pandemia, pois, como exemplo, os transportes públicos coletivos permaneceram lotados por todo o país:

*Figura 1 - Pessoas no Metrô em São Paulo*



Fonte: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/com-novo-rodizio-estacoes-de-trens-e-metro-amanhecem-lotadas-emsp-15052020>

*Figura 2 - Depoimento de Usuário do Transporte Público Coletivo*



Nesse sentido, faço coro as percepções de Juliana Mesquita e Marcos Bezerra (2020) no sentido de que o isolamento social é na verdade uma questão de gênero, raça e classe, ao questionarem sobre quais são os/as trabalhadores/as que não puderam parar durante a pandemia. Este cenário decorre de implicações históricas de negligência do Estado sob a população negra, pois a formação histórica de subdesenvolvimento escolar, econômico e urbano acarreta na relação direta entre pobreza e negritude (MESQUITA; TEIXEIRA, 2020), fazendo com que a população negra seja ainda mais propensa a sofrer com pandemias e com todos os tipos de desigualdades urbanas e suas consequências.

Nesse âmbito, destaco o trabalho doméstico remunerado e não remunerado, no qual as trabalhadoras, majoritariamente negras, têm sofrido os impactos da precarização do trabalho. O Brasil é o país com o maior número de trabalhadoras domésticas e esse dado deve ser analisado criticamente, pois evidencia as influências colonizadoras e escravocratas em que nossa sociedade foi forjada (TEIXEIRA, 2021). Não distante desta constatação, está a realidade de muitas mulheres negras empobrecidas que exercem o trabalho doméstico e as atividades relacionadas ao cuidar, sem qualquer tipo de remuneração. A Tereza, sujeita desta pesquisa, contou que passou a ficar em casa após o nascimento do segundo filho, o que lhe gerou angústia pela falta de renda e decidiu então fazer tortas e bolos de pote para vender na vizinhança. Essa prática culinária lhe possibilitaria vender os produtos, ao passo que cuidava dos filhos e também exercia as atividades de casa. Tereza contou que, atualmente:

[...] Aí agora atualmente eu trabalho com sex shop, eu vendo sex shop e vendo tortas de pote e bolos de pote, e há um mês comecei a vender marmitex. [...] essa pandemia levou a gente a descobrir coisas que a gente não sabia fazer né? Aí comecei a fazer. Tereza demonstrou estar a todo tempo buscando alternativas para sobreviver. O seu espaço doméstico se tornou espaço de trabalho juntamente com espaço de descanso, gerando exaustão principalmente com o advento da pandemia, como relatou:

[...] Eu quase fechei o meu botequinho, que eu costumo chamar ele assim. Mas aí logo depois veio o auxílio né? e ainda era um valor razoável e as pessoas continuaram comprando. Iam comprando, mas daqui a pouco foi diminuindo, diminuindo, diminuindo... aí agora apertou muito mais né? As pessoas ficaram... mais gente desempregada. O auxílio bem reduzido [gritos de criança] então [gritando com as outras pessoas da casa] “eu tô ocupada! Dá a massinha a ele aí” [a criança aparece chorando e ela se volta para ele] “Vai lá.” [volta a falar comigo] As crianças em casa atrapalham muito a vender, porque como eu trabalho de porta em porta também isso diminuiu muito as minhas vendas. Assim, por causa das crianças né? Porque tem as crianças pra tomar conta. E são quatro né? Um de 18, um de 13, um de 7 e um de 4. Aí já viu, né? Cansativo, é correria. [...] E assim reduziu muito, muito, muito, muito mesmo. Aí no sex shop, juntando os dois, ficou o mesmo procedimento. Eu não saia mais pra tomar conta das criança e as entregas porta a porta também diminuíram por conta que eu não tinha ninguém pra deixar as criança e nem tinha condição de pagar alguém pra ficar porque até, são 3 pequenos então sai muito caro. [...] E atualmente eu faço marmitex, aí eu e minha irmã. Minha irmã me ajuda né? Mas eu tenho que pagar também. E de preferência eu atendo quem vem na porta porque pra entregar tá sendo difícil também, eu tenho que pagar motoboy, essas coisas também.

Esta fala de Tereza, e o contexto em que aconteceu, demonstra a dificuldade em exercer práticas de gestão com as práticas da maternidade, em que toda sua gestão será demandada a partir da conciliação com a maternidade, porque como não há ninguém para cuidar das crianças enquanto cozinha e vende, ela precisa da ajuda da irmã no negócio, não deixando de a remunerar, porque a irmã também precisa gerar renda. Além disso, Tereza aborda a questão do Auxílio Emergencial que ajudaria muitas famílias empobrecidas, mas que por ineficiência do

Estado na gestão da pandemia, houve morosidade na aprovação e pagamento das parcelas no valor de R\$600,00 no ano de 2020. Em 2021 houve a mesma morosidade e dessa vez a aprovação do valor se dá em parcelas de R\$150,00 por pessoa, sendo que as mulheres “chefes de família” receberão R\$375,00. Esse valor ofertado em 2021 é ainda mais irrisório, se feita a comparação com o preço médio da cesta básica que estava em R\$656,92 no mês de julho (DIEESE, 2021). Desse modo, a prática de empregar alguém da própria família, de fazer marmitex e vender em casa, torna-se essencial para Tereza conquistar uma renda ao mesmo tempo em que cuida dos filhos e do lar.

A clientela de Tereza é formada predominantemente por vizinhas/os, familiares e amigos/as, e a fidelização dessa clientela se deu devido à construção de laços afetivos. Dessa forma, as práticas de vendas foram confundidas com as práticas de afetos, as práticas de negócio foram misturadas com as de sociabilidade, e foram assim, constituindo um emaranhado que reconfigurou fronteiras e que se tornaram essenciais na e para a produção das favelas (CLEMENTE; SILVA, 2014), evidenciando que essas redes de sociabilidade são vitais para a existência das organizações (FANTINEL, 2016) sejam elas quais forem. Portanto, nas favelas, as redes de sociabilidades formadas por familiares e amigos/os são o fio condutor dos negócios, como demonstrado no relato:

[...] Então, assim, ah, o meu bairro, assim, todo mundo me conhece, ah, então assim: a [fulana] vende, a [fulana] tem. Ah, então, tem o seu lado, o lado bom, o lado, o lado ruim. Aqui tem. É. Concorrência, né, muito grande, né, porque todo mundo vai e faz uma coisa. Todo mundo faz uma outra coisa, mas tem espaço pra todo mundo, cada um com sua culinária, cada um com seu tempero, cada um seu jeito e dá pra levar. Tereza relata ainda as dificuldades de ser favelada e gestora:

Quando você fala o nome do bairro, onde você mora, você já é discriminado completamente. Então eu acho que aqui a gente não sofre só o racismo pela cor da pele, aqui a gente sofre o racismo por ser da periferia. Independente da cor da pele [...].

Tereza, apesar de não ter letramento racial, apresenta uma constatação latente na contemporaneidade: a indissociabilidade analítica entre gênero, raça/etnia e classe. Aqui é evidenciado mais uma vez o sistema de opressões que opera sobre o cotidiano das mulheres negras e é fundamental a compreensão de que essas questões se entrecruzam (CARNEIRO, 2003; HOOKS, 2020; KILOMBA, 2019). Tereza, ao ser perguntada se havia sofrido ou presenciado algum caso de racismo, logo iniciou a narrativa abordando sobre a violência policial sofrido pelas/os faveladas/os: “[...] os policiais, são os mais que sobem, né? O tempo todo. [...] eles são os principais, né? E todo mundo que mora na favela é preto, é safado, né? É isso, é aquilo”. A violência policial nas favelas é mais uma tecnologia operada pelo Estado que tem nas suas raízes o racismo e faz com que o cotidiano de mulheres negras pertencentes a esses espaços seja permeado também pelo medo e pelo luto.

A análise feita até aqui demonstra que as práticas de gestão referentes aos negócios exercidos por Tereza, se articulam com as práticas cotidianas das tarefas domésticas e do cuidado. Essas práticas estão sendo utilizadas para a sua sobrevivência e dos seus, e isto se assemelha ao pensamento de bell hooks (2019), no qual afirma que as experiências de vida das mulheres negras são forjadas na e por suas lutas de sobrevivências nas diásporas.

Essas práticas de sobrevivências, especificamente, se inter cruzam entre a mobilização do espaço doméstico para espaço de negócio; a empregabilidade de familiares; até o fortalecimento de redes de sociabilidades com familiares, amigos e vizinhas que formam a suas clientelas.

## Conclusão

Neste texto em construção, identifiquei duas práticas centrais utilizadas pela gestora negra estudada e que acaba por (re)organizar o cotidiano dela: a prática de gestão, sendo exercida pela mobilização do espaço doméstico, lhe permitindo também o trabalho doméstico e do cuidado; e a prática do afeto, presente na mobilização de redes de sociabilidade, o que lhe garante empregar familiares e formar a sua clientela.

Sobre a pandemia, ainda é pertinente a observação de que o cotidiano experienciado nas favelas e periferias é destoante ao apresentado e contextualizado pelas narrativas enunciadas a partir do centro e da abordagem midiática, visto que manchetes são escritas, como exemplo, “Por que você deveria comprar pão, estender a roupa e fazer reuniões ambulantes durante o teletrabalho” (GARCÍA, 2021) negligenciam que as mulheres negras faveladas e periféricas, estão conciliando o “estender roupa” e a rotina do trabalho remunerado por séculos (BORSATTO; FANTINEL, 2021).

Por fim, as ideias iniciais apresentadas aqui podem servir de provocação para fomentar um estudo mais robusto que contemple as nuances entre o trabalho doméstico remunerado e não remunerado em tempos pandêmicos, sendo pertinente até mesmo a investigação e

compreensão do simbolismo existente nestas maneiras de fazer gestão das mulheres negras faveladas.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. F. S.; REZENDE, A. F. **Direito do Negro à Cidade: de uma Formação Socioespacial Segregacionista à Utopia Lefebvriana** XLV Encontro da ANPAD - EnANPAD 2021 On-line - 4 - 8 de out de 2021 2177-2576 versão online, , 2021.

BORSATTO, A. R. DOS S.; FANTINEL, L. D. **“A Vida Parou!” Mas a Qual Vida se Referem? – Uma Análise sobre as Práticas de (sobre)vivências de Gestoras Negras Ordinárias e Periféricas no Cotidiano Pandêmico** XLV Encontro da ANPAD - EnANPAD 2021 XLV Encontro da ANPAD - EnANPAD 2021 On-line - 4 - 8 de out de 2021 2177-2576 versão online, , 2021.

BRINKMANN, S. The Interview. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). . **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. 5. ed. London: SAGE, 2018. v. 195p. 997–1038.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**, v. 49, p. 49–58, 2003.

CERTEAU, M. DE. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHASE, S. E. Narrative inquiry: toward theoretical and methodological maturity. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). . **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. London: SAGE, 2018. p. 946–970.

CLEMENTE, C. C.; SILVA, J. C. G. DA. Dos Quilombos à Periferia: Reflexões sobre Territorialidades e Sociabilidades Negras Urbanas na Contemporaneidade. **Revista de Cultura Política Crítica e Sociedade**, v. 4, p. 86–106, 2014.

COFFEY, A. Analysing Documents. In: FLICK, U. (ED. . (Ed.). . **The SAGE handbook of qualitative data analysis**. London: SAGE, 2014. p. 367–379.

DIEESE, D. I. DE E. E E. S. **Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos**.

FANTINEL, L. D. As Sociabilidades nas Organizações: Da Sociologia Formal às Interações Cotidianas. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social - RIGS**, v. 5, p. 139–151, 2016.

- GOMES, N. L. **A QUESTÃO RACIAL E O NOVO CORONAVÍRUS**. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil, 2020.
- GOUVÊA, J. B.; CABANA, R. DEL P. L.; ICHIKAWA, E. Y. As Histórias e o Cotidiano das Organizações: uma possibilidade de dar ouvidos àqueles que o discurso hegemônico cala. **FAROL - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 5, n. 12, p. 297–347, 2018.
- HOOKS, B. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. 3ª edição ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- IVO, A. B. L. A periferia em debate: Questões teóricas e de pesquisa. **Caderno CRH**, v. 23, n. 58, p. 9–15, 2010.
- KILOMBA, G. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MESQUITA, J. S.; BEZERRA, M. S. “Brazil Cannot Stop”: Meritocratic Ideology in an Unequal Country. **Gender, Work & Organization**, 2020.
- MESQUITA, J. S.; TEIXEIRA, J. C. A naturalização do r.i. p. homem negro como principal grupo que morre por covid-19 no brasil: os indícios interseccionais e históricos da manutenção de tecnologias de genocídio da população brasileira. In: GUIMARÃES, L. D. V. M.; CARRETEIRO, T. C.; NASCIUTTI, J. R. (Eds.). . **Janelas da Pandemia**. Belo Horizonte: Editora Instituto DH, 2020. p. 341–357.
- NOGUEIRA, A. M. R. **Territórios Negros em Florianópolis**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- RHEINHARDT, A. et al. Conducting and Publishing Rigorous Qualitative Research. In: **The Sage Handbook of Qualitative Business and Management Research Methods**. [s.l.: s.n.]. p. 515–531.
- RIESSMAN, C. K. Dialogic/Performance Analysis and Visual Analysis. In: **Narrative Methods for the Human Sciences**. California: SAGE, 2008. p. 151–258.
- SWAN, E. Gender, Class and Food Justice : An Intersectional Feminist Analysis. **Gender in Management: An International Journal**, v. 35, n. 7, p. 693–703, 2020.
- TEIXEIRA, J. C. Brazilian housemaids and COVID-19: How can they isolate if domestic work stems from racism? **Gender, Work and Organization**, v. 28, n. S1, p. 250–259, 2021.
- ZACCARELLI, L. M.; GODOY, A. S. “ Deixa eu te Contar uma Coisa ...”: Possibilidades do Uso de Narrativas e sua Análise nas Pesquisas em Organizações. **Revista Gestão Organizacional**, v. 6, p. 25–36, 2014.